

ENTRE O PROVÁVEL E O IMPOSSÍVEL

Vilém Flusser

Filósofo e ensaísta. Professor universitário e conferencista, foi co-editor da *Revista Brasileira de Filosofia*, e publicou *Língua e realidade* (1963), *A história do diabo* (1965) e *Filosofia da caixa preta* (1985), entre outros.

O homem que surgiu da Revolução Industrial, a partir do século XVIII substituiu a mística visionária da Idade Média por uma concepção de cultura situada entre o real e o possível, que gerou não apenas ideologias como o marxismo e o liberalismo, mas também formas de expressão estética, de organização do Estado e da vida cotidiana.

Na época atual, com o desenvolvimento da informática, da genética, da neurofisiologia, da *cultura imaterial*, está em andamento uma nova revolução no sistema produtivo, que, como analisa Vilém Flusser no presente artigo, traz consigo conseqüências profundas na cultura. Viver, hoje, seria uma aventura entre o provável e o impossível.

O real está cercado pelo possível por todos os lados. Mas não como se fosse ilha cercada por oceano. Porque não há linha que defina o real contra o possível: o possível se realiza ininterruptamente ao apresentar-se, e nós somos moradores de tal zona cinzenta. Anfíbios que vivem com os pés no real e a cabeça no possível. Sempre tem sido assim, desde que o homem é homem: bicho que devora o possível, a fim de realizá-lo. Mas a nossa geração é excepcionalmente privilegiada: o possível está atualmente se apresentando com riqueza e variedade jamais iguais na história da humanidade. Numerosas virtualidades tidas por praticamente irrealizáveis há poucos decênios estão se tornando prováveis. Estamos ainda com os pés no real (embora não fiemos muito nele), mas com a cabeça estamos mergulhados na região flutuante entre o provável e o impossível. Os verdadeiros realistas são atualmente os que exploram tal região flutuante. Viver atualmente é viver aventura. Estamos nos preparando para decolar do real, para transformarmos-nos de anfíbios em planadores.

Os horizontes que estão se abrindo são literalmente deslumbrantes. As aventuras do passado, como as viagens espaciais, as descobertas renascentistas, as expedições ousadas dos antigos para além das colunas de Hércules e rumo à terra das formigas cavadoras de ouro, e até a aventura gloriosa dos nossos antepassados longínquos que abandonaram a floresta para adentrar a savana centro-africana, empalidecem se comparadas com as nossas próprias perspectivas. São sobretudo três os terrenos que começam a condensar-se do impossível para se tornarem mais e mais prováveis: o do campo ele-

tromagnético, o da genética e o da neurofisiologia. Tais terrenos, quais ondas de maré alta, varrem dois outros, os quais ainda recentemente concentravam em si o interesse: o da física nuclear e o da astronomia. Os avanços em direção das partículas e dos astros estão rapidamente se banalizando, já que se dão na região entre o provável e o realizável. E por detrás dos três terrenos que estão emergindo do impossível começam a delinear-se vagamente mais outros, muito mal captados por termos como psicotrópicos e parapsicologia. Temos a sensação inebriante que a aventura está apenas se iniciando. Não podemos mais viver, agir e pensar como antes. As nossas categorias epistemológicas (Ciência), estéticas (Arte) e éticas (Política) deixam de ser operantes. O verdadeiro desafio que a aventura nos lança é o de elaborarmos novas categorias de ação e de pensamento, novas categorias de vida. Estamos nos transformando.

Este ensaio tratará do terreno eletromagnético emergente, daquilo que se costuma chamar *cultura imaterial* há alguns anos. Procurará sugerir a que novas categorias tal terreno provável (embora impossível há uns poucos anos) nos obriga. Mas não posso deixar de lançar olhar furtivo em direção dos dois outros terrenos. Na genética estamos nos preparando para criar novas formas de vida, ao acelerarmos os processos mutativos, e ao os deliberarmos. Já agora começam a surgir vírus e bactérias projetados e programados; nos laboratórios estão sendo fabricados clones e quimeras de organismos complexos, e órgãos até agora inexistentes (tanto sensoriais quanto motores) estão sendo simulados. Mas não é tal desenvolvimento de organismos já agora provável (novas espécies de plantas, animais e, por que não, epi-humanos) que está desafiando a nossa imaginação e fantasia (afinal, os mitos do tipo *Pygmalion* e *Golem*, os mitos fundadores da arte, o prefiguram). É a possibilidade sempre mais provável de virmos a sintetizar a vida com elementos que não o carbono que rasga horizontes inacessíveis à fantasia mais exacerbada da ficção científica da atualidade. Não há dúvida: a biosfera com sua mutação lenta e sujeita ao jogo do acaso está em vias de ser substituída por formas de vida artificiais, programadas a transformações rápidas e abertas em leque.

A neurofisiologia oferece perspectivas ainda mais estonteantes. Não estou pensando em primeiro lugar nas simulações de processos cerebrais, nas ditas "inteligências artificiais", sejam elas fundadas em silício, sejam feitas de tecido nervoso. Estou pensando, sobretudo, na possibilidade desde já aberta para dirigir e controlar os processos cerebrais mesmos (seja do próprio cérebro, seja do cérebro de outrem), e na transplantabilidade de cérebros (de memórias e de processamento de dados) de um organismo para outro, por exemplo, de uma pessoa idosa para o corpo de um recém-nascido. Tais pers-



pectivas são estonteantes, porque colocam problemas tidos por transcendentais, como o da identidade, do espírito, da mente, da morte e da imortalidade, em contexto científica e tecnicamente acessível.

O mais óbvio terreno no qual está ocorrendo a aventura é o da revolução informática, no entanto. A chamada *cultura imaterial*, a cultura do simulacro, a da pós-história (para recorrer aos termos de Lyotard, de Baudrillard e ao meu). Ao pensarmos nisto, temos em mente coisas como rádio, TV, vídeo, satélites, cabos, disquetes de computador, hologramas, isto é, simultaneidade e interatividade de todas as mensagens. Sem dúvida: as implicações disto são vastas. A simultaneidade implica superação da geografia com suas categorias — “cidade”, “campo”, “nação”, “língua materna”; implica cultura a um tempo universal e regionalista. E a interatividade da mensagem implica relações intersubjetivas, democracia direta, sem a necessidade de representação e governo, e organização cibernética da sociedade. Tais implicações, por certo revolucionárias, estão sendo no entanto objeto de numerosos estudos dos ângulos mais diversos, e não será isto o tema aqui perseguido. Dirigirei sua atenção sobre duas implicações mais revolucionárias ainda: a transformação da posição existencial, e a transformação da vivência estética (isto é: do clima da vida).

O termo-chave da revolução informática é *informação*, o que significa configuração pouco provável. A cultura humana pode ser definida como estrutura que visa a produção, a transmissão e o armazenamento de configurações pouco prováveis. Configurações do tipo “ponte”, “organização bancária” ou “sinfonia”. Ora, a cultura não é a única ilha informativa no universo, o qual, como um todo, tende para a desinformação crescente. No universo surgiram, estão surgindo e surgirão configurações improváveis como galáxias, organismos vivos e cérebros humanos. A diferença entre informações naturais e culturais está no fato de que as naturais surgem ao acaso, e as culturais deliberadamente. O cérebro humano é estrutura surgida ao acaso que inverte a produção de informações (a *criatividade*, ao torná-la deliberada). O cérebro humano é ponto de ruptura no processo criativo: é sede da liberdade.

Os processos que ocorrem nas sinapses cerebrais (percepções, imaginação, sentimentos, desejos, pensamentos e decisões) são saltos quânticos e podem ser formalizados por cálculos de probabilidade. No entanto, resultam em atos deliberados. Tal dialética da liberdade, a qual opõe o ato livre não tanto à necessidade quanto ao acaso, pode ser analisada e vivenciada apenas atualmente. Tal vivência é sintoma da revolução informática em curso.

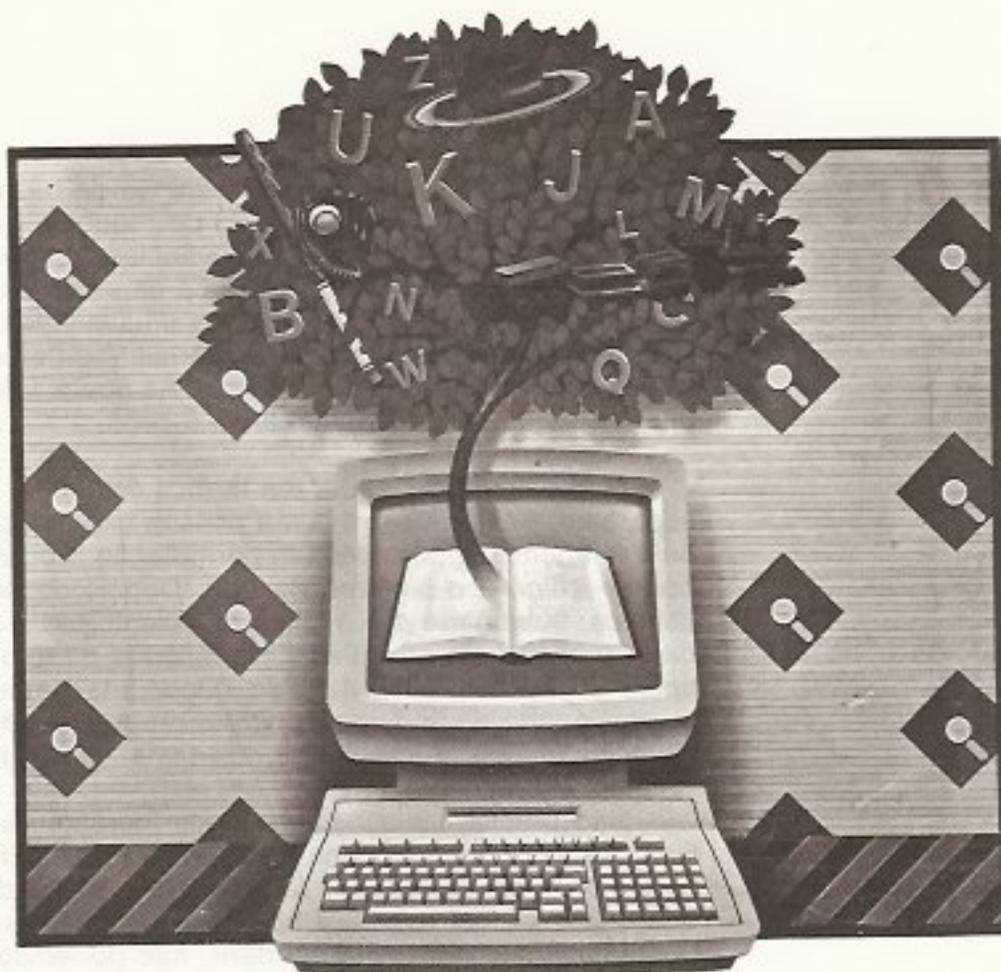
Até agora, no curso da história, o homem armazenava suas informações sobretudo em matéria inerte: pedra, tijolo, papel, tela coberta de óleo, aço. Ao fazê-lo, vivenciava ele a resistência da matéria: liberdade contra necessidade. Doravante, as informações serão armazenadas em campo eletromagnético (fitas, discos, memórias de computadores). O que se vivencia em tal caso é o jogo do cálculo e da computação, portanto o acaso como opositor da liberdade. A cultura imaterial emergente está colocando em termos novos o problema da liberdade. As implicações disto são vastas. No decorrer da história, o homem ia adquirindo consciência histórica, isto é, consciência do efêmero da informação armazenada em matéria inerte. Toda obra humana (matéria informada) está condenada a se decompor (cidades caem em ruínas, culturas inteiras vão ser esquecidas). As memórias imateriais são mais fiáveis (mais eternas que o bronze). Ora,

isto implica desvalorização da obra, e valorização da informação imaterial, dita "pura". O novo conceito de liberdade implica transvalorização de valores.

Imprimir informações sobre objetos (trabalhar) continuará a ser feito no futuro, e que seja apenas porque o corpo humano necessita de matéria informada (pão, casa, roupa). Mas o confronto com a matéria inerte será relegada do homem sobre instrumentos automatizados. Trabalhar será gesto indigno do homem. O gesto humano se concentrará sobre a elaboração de informação imaterial, a programar os instrumentos e a criar configurações improváveis. Isto significa que o homem será cada vez menos sujeito de objetos, e cada vez mais inserido em relações intersubjetivas. Cada vez menos determinado pelo mundo objetivo, e cada vez mais condicionado por suas relações com os outros homens. Tal desprezo por objetos (sejam naturais, sejam culturais) e tal valorização do ato criativo que relaciona homem com homem (tal desprezo do suporte da informação, e tal valorização da criatividade pura) resultará em transformação da posição existencial humana. Não mais sujeito de objetos (mente fazendo face à matéria), mas *o outro dos outros*, disposto a alterar o outro e a ser por ele alterado.

Tal mutação existencial é também, e sobretudo, mutação estética (de *aisthestai* = vivenciar-se). Uma das conseqüências da imaterialização da cultura é o surgir de um novo pensamento imaginativo. Estão emergindo imagens que são resultado de cálculo e computação de conceitos claros e distintos. Imaginação nova: pós-conceitual, não pré-conceitual, imaginação que surge da crítica, não que a exige. As novas imagens têm a crítica, isto é, a ciência, no seu bojo. O crítico, o cientista, precede o artista, e a arte é resultado de crítica criativa. O impacto de uma fita de vídeo-clip, de uma imagem digitalizada e animada, de um holograma (como de uma composição musical programada e sintetizada, de um poema com manipulação de *word processor*) é violento, por mobilizar no receptor os três níveis de consciência simultaneamente: o pré-conceitual, o conceitual e o pós-conceitual, e por isto mesmo torna a recepção difícil.

Acresce que, dada a interatividade da mensagem informatizada, a distinção entre emissor, crítico, transmissor e receptor não mais é viável. Todo receptor é virtual emissor, e isto imediatamente no momento da recepção da mensagem. A experiência estética passa a ser imersa em clima de responsabilidade. Isto explica por que há resistência contra a invasão da cena por este tipo novo de imaginação e imagem. Não seria isto "arte" no significado tradicional (ideologicamente sacralizado) do termo. A querela não é



apenas semântica: questão de definição de termos. Isto seria fácil de ser resolvido, se definirmos “arte” como produção de modelos para vivências do concreto. A querela é ideológica: propor modelos para vivências do concreto seria, segundo os defensores dos valores históricos, tarefa reservada a especialistas (os que dispõem de intuição, talento, gênio, vocação, e termos empíricos equivalentes). No entanto, o impacto estético exercido desde já pelas imagens imateriais (sobretudo em telas e monitores) vai silenciar indubitavelmente todas as reservas. As novas imagens, embora ainda tecnicamente primitivas, estão desde já invadindo a cena.

O que está ocorrendo, em termos estéticos, é um novo espanto. As novas imagens espantam. Basta observar uma pessoa exposta pela primeira vez na vida a hologramas ou a imagens digitalizadas em permutação programada. Ora, o espanto (*propter admirationem enim*) é o sintoma da arte. Depois de séculos durante os quais a mensagem estética, subjugada por mensagens científicas e políticas, tem sido eliminada da sociedade e encerrada em guetos glorificados do tipo academia, exposição e museu, assistimos à re-estetização da vida quotidiana. Importa, no entanto, insistir na novidade revolucionária da vivência concreta proporcionada pelas novas imagens: não mais pré-científica (mítica, mágica) mas pós-científica (exigindo reação responsável).

Não preciso insistir nos perigos inerentes em tal mutação do sentido estético da vida. Na sua potencial banalidade, e na possibilidade nela inerente de manipular o comportamento da sociedade. Tais perigos são precisamente os desafios estéticos diante dos quais a atual aventura nos coloca. Mas nós, os que refletimos sobre a cena, que nos engajamos para nela interferir, não podemos fugir da nossa responsabilidade, que é a de elaborarmos categorias estéticas novas. Abrem-se diante de nós perspectivas deslumbrantes e ameaçadoras. Depende em grande parte de nós se a utopia em via de emergir será positiva ou negativa.